

Artes Integradas nos livros didáticos brasileiros: análises preliminares.

GTE 12 – Ensino de música nas escolas de educação básica

Helena Lopes da Silva
UFMG
helopes@ufmg.br

Aline Maria Rodrigues dos Santos
UFMG
alinesantoscontatobh@gmail.com

Amanda Silveira Pires Barbalho
UFMG
Amanda93barbalho@gmail.com

Lucas Ladeira da Costa Assis
UFMG
ladeira.lucas.93@gmail.com

Resumo: A pesquisa de Iniciação Científica *Perspectivas das artes integradas para o ensino de música na educação básica: Análise das concepções e metodologias de ensino propostas em materiais didáticos brasileiros* teve como objetivo central mapear e analisar as propostas de artes integradas presentes nos livros didáticos aprovados entre 2018 e 2020 pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Para este estudo foram escolhidas as coleções Compartilha Arte - Anos Finais do Ensino Fundamental (Editora Moderna, 2018, 2 ed.) e Mosaico Arte - Anos Finais do Ensino Fundamental (Editora Scipione, 2020). O presente artigo apresenta algumas reflexões acerca das análises das atividades propostas nas unidades temáticas Artes Integradas dos livros da Coleção Compartilha Arte - Anos Finais do Ensino Fundamental (2018). A metodologia empregada no estudo foi a análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Dentre as principais reflexões, destacamos a tímida presença da Música nas atividades propostas na unidade temática Artes Integradas bem como o seu uso como ferramenta de ensino para outras linguagens. Outro aspecto importante destacado na análise foi a proposição de atividades de Reflexão em detrimento das outras dimensões de conhecimento em arte propostas pela BNCC, sendo esta dimensão utilizada com função meramente informativa.

Palavras-chave: Artes Integradas, livro didático, anos finais do Ensino Fundamental, BNCC.

Introdução

Esse artigo traz alguns resultados preliminares sobre o projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFMG) intitulado *Perspectivas das artes integradas para o ensino de música na educação básica: Análise das concepções e metodologias de ensino propostas em materiais didáticos brasileiros*. O objetivo central do projeto foi mapear e analisar as propostas de artes

integradas presentes nos livros didáticos aprovados entre 2018 e 2020 pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

Desde 2018, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) - destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público – exige que os livros didáticos submetidos ao seu edital estejam em consonância com as propostas da Base Nacional Comum Curricular. Nesse sentido, os livros didáticos para o ensino de Arte têm apresentado propostas integradas entre as diferentes linguagens. As escolas ainda estão em um momento de compreender as propostas da BNCC para então adequar seus currículos.

As Artes têm sido convocadas a serem repensadas em relação às suas funções e operacionalizações no contexto escolar, uma vez que não é uma disciplina, mas um conteúdo obrigatório composto pelas quatro linguagens artísticas: Música, Artes Visuais, Teatro e Dança. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (BRASIL, 2017, p.191). As linguagens artísticas que compõem o componente curricular Arte (música, Artes Visuais, Teatro, Dança), tratadas na BNCC como “unidades temáticas”, foram acrescidas por uma quinta unidade temática: Artes Integradas. Segundo o documento, as Artes Integradas deverão explorar “as relações e articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2017, p.195).

Os livros didáticos escolhidos para a realização da pesquisa são de duas coleções: Compartilha Arte - Anos Finais do Ensino Fundamental (Editora Moderna, 2018, 2 ed.) e Mosaico Arte - Anos Finais do Ensino Fundamental (Editora Scipione, 2020). A escolha destas coleções deveu-se, principalmente, ao fato de ambas estarem disponíveis em formato digital, o que facilitou o trabalho coletivo à distância, uma necessidade imposta pela pandemia de COVID-19. Nas duas coleções, além de mapearmos e analisarmos as atividades propostas nos módulos “Artes Integradas”, consideramos também os módulos que propuseram integração

entre as diferentes linguagens, como Música e Artes Visuais, Música e Dança, Música e Teatro, aos quais chamaremos como “Integração entre as Artes”. Optamos por incluir os módulos “Integração entre as Artes” em nossas análises, após perceber que a unidade temática Artes Integradas aparecia de forma rara nas coleções, e, em apenas alguns segmentos de ensino.

O objetivos específicos para esta pesquisa, foram: Descrever e analisar as atividades da unidade temática Artes Integradas e dos módulos de Integração entre as Artes propostas nos livros selecionados; Mensurar o equilíbrio entre as linguagens artísticas nas propostas de Artes Integradas e Integração entre as Artes; Analisar os conteúdos e habilidades de conhecimento da BNCC envolvidos nos módulos Artes Integradas e Integração entre as Artes; Mensurar as dimensões de conhecimento em arte (criação, crítica, estesia, expressão, fruição, reflexão) predominantes nas atividades propostas dos módulos analisados.

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo (BARDIN, 2009), composta por três principais etapas, a saber:

1. Leitura flutuante (pré-análise): leitura exaustiva das informações recolhidas nos textos disponíveis;
2. Constituição do Corpus ou “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 2009, p.122);
3. Elaboração de hipóteses e objetivos a partir dos procedimentos exploratórios: A decisão da realização desta etapa está condicionada ao corpus da pesquisa, isto é, ao recorte do material a ser analisado.

Artes Integradas

Muito embora a criação artística tenha por vocação a abertura à interdisciplinaridade e, por conseguinte, venha reivindicando dos pesquisadores perspectivas metodológicas e conceituais provenientes do diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento ou mesmo entre as suas subáreas, ainda são raras as pesquisas e/ou propostas metodológicas de ensino em que tais perspectivas são colocadas em diálogo. (ASSIS; SILVA, 2016, p.1).

Schafer (2011), nos provoca a pensar sobre a “inaturalidade” do uso das linguagens artísticas nas propostas de ensino de arte na escola: “cada uma utilizando um conjunto de

receptores sensitivos, com a exclusão de todos os outros”. O autor usa o termo “inatural” para explicar que esta fragmentação do sensorio propostas para o ensino das Artes Visuais, Música, Teatro e Dança, não correspondem à forma como experimentamos a arte em nosso cotidiano.

O autor reflete:

Para a criança de cinco anos, arte é vida e vida é arte. A experiência para ela é um fluido caleidoscópico e sinestésico. Observem crianças brincando e tentem delimitar suas atividades pelas categorias das formas de arte conhecidas. Impossível. Porém, assim que essas crianças entram na escola, arte torna-se arte e vida torna-se vida. Aí elas vão descobrir que “música” é algo que acontece durante uma pequena porção de tempo às quintas-feiras pela manhã, enquanto às sextas-feiras à tarde há outra pequena porção chamada “pintura”. Considero que essa fragmentação do *sensorium* total seja a mais traumática experiência na vida da criança pequena. (SCHAFER, 2011, p.278)

Cunha e Lima (2020, p.3) afirmam que “a arte por si só é polivalente”, no entanto, “apresenta-se por meio de diferentes signos, matérias, técnicas, poéticas”:

Porém, em suas trajetórias, os elementos artísticos foram sendo classificados e dicotomizados, apesar de se constituírem em uma única área do conhecimento humano - Arte, seja ela visível, audível, tátil ou cinestésica. Música é arte, dança é arte, teatro é arte, escultura, pintura, cinema, instalação também o são. (CUNHA; LIMA, 2020, p. 3).

No entendimento de Oliveira e Penna (2019, p.18-19), a unidade temática Artes Integradas proposta na BNCC (Ensino Fundamental) é “uma junção de objetos de conhecimento das demais artes sob termos abrangentes como “patrimônio cultural”, por exemplo, tendo como ênfase a exploração de recursos tecnológicos”. As autoras ressaltam que assim como “as artes integradas podem ser vistas como uma “atualização” diante de propostas contemporâneas que integram as artes e as tecnologias”, elas também podem ser “a porta de entrada declarada da polivalência nas escolas” (OLIVEIRA; PENNA, 2018, p.19).

Del Ben e Pereira (2019) analisam a criação da unidade temática “Artes Integradas” como uma contribuição para “a legitimação das velhas posturas polivalentes, ainda que as habilidades ali reunidas não conduzam necessariamente a essa leitura”. Os autores afirmam que a sugestão de uma unidade temática interdisciplinar não é atribuição da Base, uma vez que “as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da educação básica (...) só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação”, entre

elas, “decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares” (BRASIL, 2017, p. 16 apud DEL BEN; PEREIRA, 2019, p.201.). Os autores analisam que tal “sugestão de integração dentro de um componente não ocorre em nenhum outro momento ao longo de toda a BNCC, apenas no componente curricular Arte”, o que cria, “condições para que se exija, de um único professor, posturas polivalentes não somente com o intuito de se cumprir a unidade temática “Artes Integradas”, mas todas as habilidades elencadas no componente curricular” (p. 201).

Na visão de Del Ben e Pereira (2019), a unidade temática reforça a ideia de polivalência e enfraquece a compreensão da música como linguagem. Outro aspecto que os autores ressaltam refere-se à ênfase do ensino de artes a partir de uma “compreensão mais estética das linguagens artísticas, reforçando a subjetividade e a sensibilidade”, e abandonando o pressuposto de música como uma “expressão humana” para a ideia de música como “expressão artística” (p.202).

Na mesma direção, Iavelberg (2018) acrescenta que na BNCC (Ensino Fundamental) o componente curricular Arte, “não apresenta, por exemplo, conteúdos relativos a cada habilidade estipulada, nem a ideia de itens progressivos por séries.” Para ela, essa diferença de estruturação das Artes em relação aos demais componentes curriculares da BNCC, “explicita a desvalorização de uma área que procura desenvolver “um sujeito sensível e crítico”, o que parece estar de acordo com uma perspectiva de educação voltada para a formação para o mercado de trabalho. (IAVELBERG, 2018, p.75-78 apud OLIVEIRA; PENNA, 2018, p.19).

Os argumentos discutidos acima, trazem aspectos importantes para se pensar o ensino de arte na escola: uma perspectiva discute e propõe o ensino de arte a partir de sua natureza interdisciplinar, a qual pressupõe a integração do *sensorium*, e outra, discute a problemática da arte poder ser interpretada na BNCC como um componente que despreze as especificidades das linguagens artísticas, podendo representar e reforçar a volta da polivalência do ensino de arte na escola.

Neste estudo, interessamo-nos por conhecer as interpretações dos autores dos livros didáticos de Arte selecionados por meio da análise das atividades propostas nos módulos referentes à unidade temática Artes Integradas e nos módulos de Integração entre as Artes. O interesse deste estudo tem ressonância com a concepção de que o ensino de música nas escolas, bem como, a formação dos professores de música pode ser mais expandida por meio

de abordagens metodológicas integradas entre as artes, talvez, mais próximas aos modos polissêmicos de fruição musical (a tecnologia tem nos mostrado a todo momento o transbordamento entre as linguagens artísticas por meio da fusão presente nas produções contemporâneas).

Nossa proposta, portanto, não está descomprometida com o ensino de música como linguagem, assim como o ensino dos outros componentes artísticos em suas especificidades. Estamos mais interessados é na ampliação das experiências sensoriais das linguagens por meio da conscientização da natureza interartes presente nos modos de fruir, refletir, sentir, criar, compreender e executar as músicas.

Como nos provoca Caznok (2008):

O discurso musical é auto-suficiente ou pode se referir a algo que não seja somente sonoro? Sua construção e recepção são fundadas exclusivamente em elementos sonoros “puros” ou estes podem apontar para algo além deles? Onde se encontra seu significado: em universo composto unicamente por sons ou em contexto que inclui elementos extramusicais? (CAZOK, 2008, p.21).

A autora explica que a comunicação entre os sentidos, ou a multissensorialidade, não tem a ver com o processo de fusão ou síntese no qual um sentido torna-se preponderante e outro “coadjuvante”. A autora explica que essa perspectiva poderia implicar, por exemplo, na perda da autonomia da música, pois, “sufocada pela superposição de afetos em forma de imagens figurativas já elaboradas e aceitas, a atenção do ouvinte seria desviada para uma instância que, por não ter nascido junto com o sonoro por meio de uma “analogia bem fundamentada”, desvirtuaria a escuta musical” (p.225).

Na contemporaneidade encontramos movimentos de convergência artística tanto na música popular quanto erudita, como o hip hop, as instalações artísticas, cinema, jogos, a música contemporânea de concerto e experimental, dentre outros. As tradições culturais afro diaspóricas e ameríndias também são exemplos de integração entre as artes, como podemos perceber na fala de Gil Amâncio:

Se a gente for observar todas as manifestações culturais afro diaspóricas nós vamos ver que a dança e a música estão ali, que é em torno da dança e da música que se reúne o que faz. [...] Havia uma outra discussão sobre o fazer artístico, né?! Porque havia uma inquietação muito grande entre essa separação que a arte estava; o teatro de um lado, a dança no outro, a música no outro, as artes visuais em outro. Então havia um desejo do pessoal do teatro, dos diretores, de fazer com que o ator em cena não ficasse

escravizado pelo texto que a ação corporal, que a trilha sonora, que o cenário, que tudo isso pudesse interagir com o ator, porque tava tudo só de cenário, ficava tudo quieto para que houvesse o texto, né? Então havia essa busca de romper com essa centralidade do texto no teatro. Do outro lado, os dançarinos que se viam mudos, eles queriam também [...] O bailarino não falava, não cantava em cena. Estava todo mundo só. O bailarino fala dançando, legal, mas tem a fala também, havia esse desejo, né?! E do outro lado os músicos, né?! A performance, o desejo de não ficar somente preso num palco e ao seu instrumento, mas que tivesse uma outra atitude. [...] Isso tudo fomentava a tentativa de romper com essa separação, mas quando eu conheço Marlene Silva que tinha acabado de chegar em Belo Horizonte, em 1979, para fazer a primeira escola de dança afro daqui, e Marlene me leva para um terreiro, [...] a hora que eu vi esse corpo dançando, o som, eu falei: “Gente, o que esse pessoal tá procurando, tá aqui dentro. Essa interação entre som, movimento, palavra, plasticidade, esse corpo pintado, parado, tinha uma narrativa, tinha uma imagem, mas quando ele começava a dançar, era como se fosse uma animação. Aquilo que virava uma outra narrativa, então essa interação entre a plasticidade, som, movimento, a arte contemporânea, estava ali dentro daquele terreiro, o que havia de mais potente, aquilo que a gente estava buscando estava ali acontecendo [...]. (Gil Amâncio, 27 de janeiro de 2021)¹.

A fala de Gil Amâncio traduz a concepção do ensino de artes a partir de uma perspectiva integrada, de um diálogo entre as linguagens artísticas aqui propostas. Não se trata de enfraquecer as especificidades do conhecimento específico das linguagens artísticas, mas, de fortalecer, potencializar as experiências dos alunos nas escolas.

Como elucida Maura Penna em sua palestra "Entre a formação específica do professor de música e o ensino da arte na Educação Básica: uma discussão necessária"²:

Eu posso não gostar da Base Nacional Comum Curricular, eu posso não concordar com ela, mas, que tem lógica que um curso de formação de professor se oriente pela proposta curricular que é obrigatória para educação básica, tem lógica. Há uma coerência lógica entre pretender que o curso de formação do professor se dê em função daquilo que está previsto no currículo da educação básica. “De caráter obrigatório, a Base visa orientar os currículos do sistema de ensino que integram a educação brasileira, dando o curto prazo referencial de um ano (ou até 2) para suas adequações. (BRASIL, 2017c, Art.15)”. [...] Então o que a gente vê é que uma formação específica parece levar a pretensão de uma atuação específica. Só que música está dentro de Arte na educação básica. Então cabe perfeitamente perguntar: que professor estamos formando? Será que não fomos de 8 a 80? Lembrem da “lei da curvatura da vara” que Demerval Saviani fala no seu clássico livro “Escola e

¹Transcrição da fala de Gil Amâncio em sua participação como professor convidado na disciplina Diálogos entre Educação Musical e Etnomusicologia, oferecidas pelos Programas de Pós-Graduação em Música (UFMG) e em Artes (UEMG), no dia 27 de janeiro de 2021.

² II Seminário do Grupo PET Artes Música Unimontes - Palestra 11/11/2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_QYQikmunL4

Democracia”: Ele fala que quando uma vara está torta, não adianta você puxar para o meio porque ela continua torta. Para que ela fique no meio, você tem que puxar para o outro lado para que quando você largar, ela fique no meio. Então, talvez, contra a polivalência da educação artística, a gente puxou demais a nossa vara para uma formação tão específica do professor de música que não se adequa às exigências ainda vigentes da educação básica. (PENNA, 2021).

Metodologia

Após a escolha das coleções, Compartilha Arte - Anos Finais do Ensino Fundamental (Editora Moderna, 2018, 2 ed.) e Mosaico Arte - Anos Finais do Ensino Fundamental (Editora Scipione, 2020), os 4 volumes de cada coleção foram divididos entre as/os bolsistas de modo a proporcionar uma leitura mais minuciosa para a realização das primeiras etapas, assim definidas:

Fase 1³ – Mapeamento dos módulos de Artes Integradas e Integração entre as Artes nos livros didáticos quanto a: quantidade de módulos propostos, tipos de atividades propostas nos módulos; habilidades de conhecimento da BNCC recorrentes e ausentes; dimensões de conhecimento em arte (criação, crítica, estesia, expressão, fruição, reflexão) predominantes nas atividades; equilíbrio entre as linguagens artísticas nas atividades.

Fase 2 - análise descritiva a respeito dos conteúdos e das atividades propostas nos módulos de Integração entre as Artes e nos módulos de Artes Integradas, usando como base os dados quantitativos levantados nas tabelas estruturadas na Fase 1.

Fase 3 – análise dos módulos de Integração entre as Artes e Artes Integradas já mapeados, a partir dos seguintes critérios: quantidade de atividades de Música, Dança, Artes Visuais, Artes Integradas e Atividades Interdisciplinares⁴ presentes nos módulos Artes Integradas e Integração entre as Artes; funções da Música nas atividades propostas nos módulos analisados (Música como ferramenta auxiliar, Música como curiosidade, Música

³ Na Fase 1, realizamos o mapeamento dos módulos do 6º ao 9º ano intitulados Artes Integradas, e, também, dos módulos que traziam propostas de integração entre as Artes propostas de maneira explícita nos livros (exemplo: Música e Dança) e que nós entendemos e interpretamos como Integração entre as Artes), procurando identificar a recorrência das habilidades e dimensões de conhecimento da BNCC mais recorrentes em cada módulo analisado. O material desta fase foi organizado em uma tabela que contém informações dos módulos dos livros referentes à unidade temática Música e outras unidades temáticas e Artes Integradas.

⁴ Consideramos Atividades Interdisciplinares, aquelas atividades que tinham o foco em disciplinas como por exemplo, História, Geografia, Sociologia, Filosofia e Literatura.

como plano de fundo e/ou informação); conteúdos musicais trabalhados nas atividades analisadas.

Fase 4 - análise quantitativa dos módulos específicos de Música quanto à recorrência das habilidades da BNCC utilizadas e as linguagens artísticas (unidades temáticas) que foram utilizadas nos diálogos com a Música.

Fase 5 – estruturação de hipóteses (inferências) acerca dos dados quantitativos e qualitativos coletados, procurando compreender as concepções dos autores acerca da unidade temática Artes Integradas e Integração entre as Artes, a partir dos seguintes questionamentos: *De que forma as dimensões e habilidades da BNCC são propostas nos módulos analisados? Como são propostas as atividades de integração entre as artes nos módulos analisados? As temáticas dos módulos são coerentes aos conteúdos e às atividades propostas? Existe relação entre a formação dos autores dos livros analisados com os módulos e atividades propostas? Quais os papéis desempenhados pela música nas atividades de integração entre as artes? Quais as dimensões do conhecimento em arte preponderantes nas atividades analisadas?*

Discussão dos dados e considerações finais

Como esta pesquisa ainda está em andamento, nos deteremos a falar sobre alguns resultados referentes à primeira coleção analisada *Compartilha Arte - Anos Finais do Ensino Fundamental* (Editora Moderna, 2018, 2 ed.). Concluímos que, ainda que os livros tenham sido estruturados seguindo as diretrizes da BNCC sobre as Artes Integradas, a qual propõe que as linguagens articulem as dimensões do conhecimento de forma indissociável e simultânea afim de caracterizar a singularidade da experiência artística, percebemos que nos módulos que propõem a integração entre as artes, há pouca integração entre as linguagens: 6º Ano - Módulo I – Artes Integradas Música e Dança – total de 9 atividades, sendo que apenas 4 propõem um diálogo entre as linguagens; 6º Ano – Módulo 4 – Artes Integradas - Total de 9 atividades, sendo que apenas 3 propõem um diálogo entre as linguagens que compõem o componente curricular Arte; 9º ano – Módulo 4 – Artes Visuais e Música – Total de 5 atividades, sendo que apenas 1 propõe a integração entre as linguagens, e 2, propõem um diálogo interdisciplinar. Um dado que ilustra este exemplo é a atividade proposta no livro do 9º Ano no módulo 4 - Artes Visuais e Música, no tema 2: Reflexões sociais (p.15) que dialoga

a unidade temática Artes Visuais com outras disciplinas, como Literatura e Sociologia, em uma crítica acerca de uma exposição artística. Em contrapartida um exemplo de atividade que integra as artes se encontra no livro do 9º Ano no módulo 4 - Artes Visuais e Música, no tema 1: Arte e denúncia (p.13), que propõe a construção de um instrumento musical com materiais não convencionais, trabalhando conteúdos dessas duas linguagens artísticas de forma prática.

Embora os códigos das habilidades da BNCC estejam referenciados nos módulos e atividades dos livros, percebemos que estes não foram totalmente explorados, especialmente em relação à habilidade criação (código: EF69AR23)⁵. Por outro lado, a recorrência da dimensão Reflexão ficou evidente como a mais desenvolvida nas atividades do 6º Ano, (módulo 1 - Música e Dança, e módulo 4 - Artes Integradas): das 17 atividades propostas, 13 eram de Reflexão de caráter informativo. A mesma análise pode ser feita em relação ao 9º ano (módulo 4 - Artes Visuais e Música), no qual há um total de 7 atividades propostas, sendo 6 delas atividades de Reflexão de caráter informativo. Inferimos que esta dimensão possa ter sido a mais recorrente devido à possíveis visões equivocadas dos autores da coleção acerca das funções da Arte na escola, de suas possibilidades práticas e criativas.

Identificamos nas atividades analisadas, propostas metodológicas não adequadas em relação à fruição e compreensão das manifestações populares da cultura, pois, as atividades de apreciação são propostas de maneira conteudista, e não de maneira integrada, como exemplificou Gil Amâncio ao referir-se à cultura afro-diaspórica. Exemplo disso é a atividade que envolve o ensino da Capoeira (módulo 1, 6º ano, p.30), prática que integra a música, dança e outros elementos, e que foi abordada de maneira fragmentada.

A supremacia das Artes Visuais na estruturação dos módulos e nas atividades analisadas, nos leva a crer que possa ser devido à grande quantidade de profissionais dessa área envolvidos na elaboração dos livros, e, também, pela presença já ocupada pelas Artes Visuais na educação básica. A música nas Artes Integradas, na maioria das propostas analisadas, atua como ferramenta de auxílio para outras linguagens, em especial quando a dança está presente. Podemos dizer que algo semelhante acontece nos módulos de música, que embora as brechas para o diálogo com outras linguagens artísticas estejam evidentes, estas não foram exploradas.

⁵ Explorar e criar improvisações, composições, arranjos, jingles, trilhas sonoras, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos acústicos ou eletrônicos, convencionais ou não convencionais, expressando ideias musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa.

Por fim, podemos dizer que embora não concordemos com as possíveis falácias trazidas pela inclusão das Artes Integradas como unidade temática na BNCC, acreditamos que propor o ensino das linguagens artísticas do componente Arte na educação básica possa ser integrado sem perder de vista, no entanto, as especificidades de cada linguagem.

Referências

ASSIS, Ana Cláudia; SILVA, Helena Lopes da. *Caderno de Resumos*. XXVI Congresso da ANPPOM, Belo Horizonte, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise do Conteúdo*. Portugal: Edições 70, 2009. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: versão homologada*. Brasília: dez. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 03/08/21.

DEL-BEN, Luciana; PEREIRA, Marcus Vinícius M. Música e educação básica: conhecimentos em disputa. In. SILVA, Fabiany de Cássia Tavares; XAVIER FILHA, Constantina (Orgs.). *Conhecimentos em disputa na Base Nacional Comum Curricular*. Campo Grande: Editora Oeste, 2019. p.189-209.

CAZNOK, Yara. *Música: entre o audível e o visível*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CUNHA, Solange S. S. da; LIMA, Sonia R. A. A interligação da polivalência com a interdisciplinaridade e o ensino integrado das Artes. *Revista Música*, v.20, n.1. Universidade de São Paulo, 2020. p. 97-120.

IAVELBERG, Rosa. A Base Nacional Curricular Comum e a formação dos professores de arte. *Horizontes*, Itatiba, v. 36, n. 1, p. 74-84, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/576>. Acesso em: 20/07/2021.

MEIRA, Beá; PRESTO, Rafael, *et. al.* *Mosaico Arte (2ª Ed.)* São Paulo: Editora Scipione, 2018.

OLIVEIRA, Olga Alves de; PENNA, Maura. Impasses da política educacional para a música na escola – Dilemas entre a polivalência e a formação específica. *Revista Vórtex*, Curitiba, v.7, n.2, 2019, p.1-28.

RICETTO, Ligia; CORNETTA, Thaís Nori, *et. al.* *Compartilha Arte. (1ª Ed.)* São Paulo: Editora Moderna, 2020.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.